

NOTA INTRODUTÓRIA

A globalização que marca a contemporaneidade realça a urgência de promover o conhecimento entre os povos. Trocam-se olhares e, com eles, permutam-se ideias e imagens que concebemos do mundo e dos outros, construídas mediante informações – reais ou fantasiadas, abundantes ou escassas –; através de manifestações artísticas, simbólicas e culturais; e, também, pelos relatos, escritos ou orais, vestígios dos homens e do mundo que pensamos conhecer. Figuras, formas, visões mais ou menos completas, elaboradas em cada época, em contextos específicos. Símbolos, narrativas, documentos que marcam as relações dos povos com os seus aparatos, exibições, manifestações de poder, conflitos e permutas culturais e identitárias, num jogo de reconhecimento, familiaridade, cumplicidades, que comporta, igualmente, tantas outras formas de dissimulação, equívocos, enganos e confrontos.

As representações erigidas resultam do conhecimento, interpretação e comparação da história, cultura, vida material e organização das diversas gentes em cada local, a começar, desde logo, pela imagem que fazem de si próprias e que exibem para os outros.

O passado lá está. Belo, enigmático, generoso, mas também horrível e cruel. Para os construtores de ilusões, ele pode ser simples, reconfortante, imaculado; para o investigador, ele é, no entanto, o olhar em esforço de imparcialidade. A utopia de o penetrar, não pretendendo apagá-lo, diminuí-lo, esbatê-lo. Não há nada a mitificar, manipular. A esquecer. A distorcer.

O olhar sobre África e dela sobre o mundo, nos dias de hoje, em contexto de globalização e de intensificação dos fluxos de gentes, bens e ideias, com relevo para as migrações transnacionais, exige pois um renovado esforço de compreensão. Foi precisamente a partir desta constatação que nasceu o projecto de organizar um colóquio a múltiplas vozes, que pretendeu ser um contributo para este movimento. A cargo do Centro de História de Além-Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, o encontro científico que está na génese do livro que agora editamos teve lugar em Ponta Delgada entre os dias 26 e 28 de Novembro de 2009. Reunindo especialistas nacionais e

estrangeiros dos campos disciplinares da Antropologia, da História, da Cultura e da Literatura, constituiu-se como um momento de diálogo, de troca de saberes e de olhares sobre um continente e, em particular, sobre os espaços onde os Portugueses tiveram uma presença mais forte.

Renovamos os nossos agradecimentos às instituições que apoiaram a realização do colóquio, com destaque para a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), a Direcção Regional da Ciência e Tecnologia (DRCT) do Governo Regional dos Açores, a Satã Internacional, a Comissão Nacional da Unesco, que permitiu a apresentação da exposição “A Rota do Escravo”, e, por fim, o Museu Carlos Machado, depositário da peça que constituiu o símbolo do colóquio e que, de novo, figura como rosto da presente edição.

Este livro não se apresenta como as “Actas” do evento, pois inclui textos revistos e outros que não foram inicialmente apresentados no colóquio, sendo de lamentar, ainda, que nem todos os participantes, por razões de diversa ordem, tenham podido dar o seu contributo para este volume, que esperamos mereça um bom acolhimento por parte dos interessados. Os organizadores do colóquio e desta edição estão certos de que muito há ainda por debater e investigar no que respeita aos temas aqui tratados. Nesse sentido, podem apenas formular o desejo de que novas realizações venham contribuir para abrir novas perspectivas e fomentar debates científicos que alimentem o caudal dos nossos conhecimentos sobre o continente africano, os seus povos e as respectivas culturas. O CHAM estará, por certo, na linha da frente dessa dinâmica.

Ponta Delgada, Abril de 2011

José Damião Rodrigues
Casimiro Rodrigues